

CHAGAS BATISTA

# A ESCRAVA

# ISAURA



DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS LEGALMENTE

# BOLETIM NACIONAL DE CORDEL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## NOTICIÁRIO SOB ATIVIDADES DE CORDEL NO BRASIL

Para recebe-lo, envie-nos seu nome endereço e o tipo de participação que voce tem em Cordel (Poeta - Trovador Pesquisador - Colecionador. . . .) Colabore conosco enviando noticias, recortes de jornais e todo o material sobre Cordel de interesse Geral.

---

COMPOSTO E IMPRESSO POR



**Gráfica e Editora "GED" Ltda.**

RUA EDUARDO PRADO, 13-A Lj. - SÃO CRISTOVÃO  
CEP 20.940 - TEL. 284-2098 - RIO DE JANEIRO

AUTOR: FRANCISCO DAS CHAGAS BAPTISTA.  
HISTÓRIA DA ESCRAVA ISAURA.

Teve no século passado  
Este romance princípio;  
Nas margens do Paraíba  
De Campos, no município,  
Na riquíssima fazenda.  
Do Comendador Alípio.

Era D. Pedro Segundo  
do Brasil Imperador.  
A escravidão era vítima,  
E era verdugo o Senhor,  
Quando se deram os fatos  
Que vais ouvir, meu leitor.

O Comendador Alípio  
Tinha grande escravatura;  
Os seus escravos não eram  
De raça africana pura;  
De sangue e qualidade  
Havia grande mistura.

E o feitor da fazenda  
Um honrado português;  
Miguel de Andrade é seu nome  
É homem sério e cortês  
Não oprime os cativos  
Ajuda-os por sua vez.

Havia dentre os escravos  
 Uma mucama formosa;  
 Cor morena, olhos castanhos  
 Faces lindas cor de rosa,  
 O feitor tinha por ela  
 Uma paixão amorosa.

A amante de Miguel  
 Foi vítima de seu amor,  
 Por dar à luz uma filha  
 Matou-a o seu senhor.  
 E despediu da fazenda  
 Miguel, o audaz feitor.

Deram o nome de Isaura  
 À filhinha do feitor,  
 Se encarregou de criá-la  
 A mulher do Comendador,  
 Criou-a como se fôsse  
 Uma filha de seu amor.

Isaura enquanto criança  
 Era um anjo de pureza!  
 Parece que p'ra formá-la  
 Esmerou-se a natureza!  
 Querendo dar só a ela  
 De Vênus tãda a beleza.

Se encarregou de educá-la  
 Sua mãe de criação,  
 Que por não ter outro filho  
 Amava-a de coração  
 E quis dar-lhe com esmero  
 Uma rara educação.

Isaura aos quinze anos  
Sabia ler e escrever,  
Tocar piano e dançar,  
Cortar, bordar e coser,  
E então serviços domésticos  
Tudo sabia fazer.

Isaura já estava moça,  
E ainda era escrava.  
Sua mãe de criação  
Dizia que a forrava,  
Mas antes disso fazer  
Morreu quando não esperava.

Depois da morte da esposa  
Foi p'ra o Rio de Janeiro  
O velho Comendador  
A seu filho único herdeiro  
Entregou sua fazenda  
Seus negócios e dinheiro.

Dois ou três meses depois  
O Comendador morreu,  
Leôncio - único filho  
E único herdeiro seu  
Todos seus ricos haveres  
Dias depois recebeu.

D. Malvina da Silva  
Filha d'um negociante  
Casara-se com Leôncio;  
Ela é uma jovem elegante,  
Dócil, boa e carinhosa,  
E ao marido muito amante.

Leôncio é um homem traidor  
E por demais rancoroso,  
Tirano, vil, sanguinário,  
Devasso e libidinoso,  
Porém Malvina acredita  
Que ele é fiel esposo.

D. Malvina a Isaura  
De coração estimava,  
Tinha-a sempre na sala,  
Era com quem conversava;  
Isaura lhe distraia  
Quando o piano tocava;

A encantadora Isaura  
Era privilegiada!  
Talvez se o leitor a visse,  
Julgasse ser uma fada,  
Um anjo ou uma estátua viva  
Pelo Eterno modelada.

Isaura era um diamante  
Lapidado por escala!  
Era a pérola mais fina  
Que refulgia na sala,  
O Seu lugar era o trono  
E não a imunda senzala.

Era um cofre diamentino  
De virtude e de doçura:  
Se a deusa Vênus a visse  
Lhe invejava a formosura;  
Se os anjos viessem à terra,  
Lhe invejava a candura!

E ter um ente assim  
Nu jugo da escravidão,  
Dizei agora, leitor:  
Resta maior ingratiidãõ?  
Existirá corpo humano  
Que caiba tal coração?!

Vendo Leôncio que Isaura  
Era um anjo atraente,  
Apaixonou-se por ela  
Sensual e cegamente;  
Quis fazer dela sua amante,  
Prostituí-la vilmente.

Leôncio era um homem  
De maus instintos dotado.  
Um vil coração de bronze  
Um infame desalmado,  
Que não servia p'ra ser  
De Isaura simples criado.

Na ausência da esposa  
Ele a Isaura escrevia,  
Declarando-lhe seu amor,  
Mas ela se constrangia,  
Ao receber estas cartas  
E a nenhuma respondia.

Ele então impaciente  
Por conquistar sua flor,  
Querendo saber se ela  
Correspondia seu amor,  
Foi mesmo dizer a ela  
O que vais ouvir leitor:

Isaura, minha querida,  
Ouve-me por piedade...  
Eu amo-te loucamente!...  
Tu me amas, não é verdade?  
Se aceitares meu amor  
Dar-te-ei a liberdade.

-Meu senhor, disse-lhe Isaura,  
-Já sabia que me amava,  
Mas não julguei que o senhor  
Sinhã Malvina deixava  
P'ra lançar os seus olhos  
A esta infeliz escrava.

-Eu nunca amei a Malvina,  
Casei-me por interesse,  
Não posso viver com ela  
Porque minh'alma aborrece  
E a ti somente, Isaura,  
Meu coração obedece.

Mas minha Sinhã Malvina,  
Não lhe ama de coração?

-Ama, sim, mas só por ti  
Eu tenho ardente paixão!

-Pois saiba, senhor, que a ela  
Não farei ingratidão.

-E quem dirá a Malvina  
Que usaste de falsidade?  
Ora não penses mais nisto,  
Deixa beijar-te beldade...

-Senhor! eu não trairei  
A quem tenho lealdade.



Nisto Malvina chegou  
E bradou enciumada  
-Continue Senhor Leôncio,  
Com esta cena engraçada.  
Leôncio ficou estático  
E Isaura envergonhada.

Malvina fula de raiva  
No momento em que chegava  
Bradou:-Já sei meu marido,  
Que amas a esta escrava,  
Nesta casa ou eu ou eia,  
Decida numa palavra...

Disse Leôncio a esposa:  
Ela fica e tu saís.  
E Malvina no outro dia  
Foi prá casa dos seus pais,  
Jurando que com o marido  
Não viveria jamais...

Miguel o pai de Isaura,  
Procurava libertá-la  
Leôncio lhe prometera  
Por dez contos de réis forrá-la  
Ele ganhou esta soma  
E foi ao senhor comprá-la.

No dia em que Malvina  
Abandonou o marido,  
Miguel foi comprar Isaura  
Mas seu tempo foi perdido  
Porque o infame Leôncio  
Havia se arrependido.

Leôncio mandou Isaura  
Ir com as negras trabalhar  
No quarto de fiação,  
Queria assim castigar  
Aquela frágil criança  
Por seu amor não aceitar.

Isaura cumpriu as ordens  
Do senhor mui comportada,  
Quando estava no trabalho  
P'ra não estar contrariada,  
Cantava esta canção  
Que lhe ficava adequada:

"Desde o berço respirando  
"Os ares da escravidão,  
"Como semente lançada  
"Em terra de maldição,  
"A vida passo chorando  
"Minha triste condição.

"Os meus braços estão presos,  
"A ninguém posso abraçar,  
"Nem meus lábios, nem meus olhos,  
"Não podem de amor falar;  
"Deu-me Deus um coração  
"Sómente para penar.

"Ao ar livre das campinas  
"Seu perfume exala a flor,  
"Canta a aura em liberdade  
"Do bosque o alado cantor  
"Só para a pobre cativa  
"Não há canção nem amor.

"Cala-te pobre cativa  
"Teus queixumes cruéis são,  
"É uma afronta essa falta  
"Que exprime tua aflição,  
"A vida não te pertence  
"Nem é teu teu coração!"

Estes tristíssimos versos  
A Escrava Isaura cantava,  
Enquanto sua mão fina  
Ao algodão desfiava;  
Mas o infame Leôncio  
Por certo não a escutava.

Uma vez em que as escravas  
Haviam ido jantar,  
Isaura ficava só...  
Quis Leôncio aproveitar  
Essa boa ocasião  
Para com ela falar:-

-Isaura! disse Leôncio  
Com toda serenidade:  
"Tu sabes que em minhas mãos  
Está a felicidade,  
Mas esta também depende  
Da tua própria vontade.

-Sabes que és minha escrava,  
Que sou teu próprio Senhor.  
Tu és criança e não sabes  
Dar às coisas seu valor  
É talvez por esta causa  
Que regeitas meu amor.

Ouve-me : quero fazer-te  
Da minha casa rainha,  
Terás mais comodidades  
Do que minha esposa tinha,  
Serás livre de hoje em diante;  
Mas... se quiseres ser minha.

-Sua, senhor, já sou  
Porque sou sua cativa,  
Mas estimo a sinhã Malvina,  
E minh'alma se esquiva  
A praticar qualquer coisa  
Que lhe seja ofensiva.

Meu senhor! eu morrerei  
Mas não farei traição  
A minha sinhã Malvina  
Tenho livre o coração  
Lhe obedeço como escrava  
Noutras coisas, nessa não.

Leôncio então conheceu  
Que Isaura lhe tinha horror,  
Disse-lhe: -Escrava rebelde,  
Tu regeitas meu amor?  
Pois bem, far-te-ei aceitá-lo  
Por meio de duro rigor!...

-Sei que o senhor é capaz  
De hoje mesmo estrangular-me,  
Mas Deus dar-me-á coragem  
Para eu suicidar-me  
Antes que chegue o momento  
Do meu Senhor macular-me.

-Não te suicidarás  
Porque eu não deixarei;  
Algemarei tuas mãos  
E no tronco te botarei,  
Enquanto não me amares  
O teu verdugo serei:

Então Leôncio ordenou  
A um cativo que trouxesse  
Um tronco e um par de algemas  
E junto a Isaura os pusesse  
Pensava ele, que ela  
Vendo isso se arrependesse.

-Isaura, vês esse tronco?  
É p'ra ti, não te admires!  
Ou ele ou meu amor,  
Dar-te-ei o que preferires!  
Por hoje inda ficas livre  
Para nisto refletires...

Leôncio se retirou  
Do quarto de fiação.  
Isaura ao ficar só  
Imersa em tal aflição  
Dirigiu à Mãe de Deus  
A seguinte oração:

-Santíssima mãe de Jesus  
Pela Vossa virgindade,  
Pelas dores que sofrestes  
Tende de mim piedade;  
Valei esta pobre escrava  
Que implora a Vossa Bondade.

-Vós nunca desamparastes  
Ao mais vil pecador!  
Amparai-me e defendei-me  
Das garras de meu Senhor  
Ajudai-me santa Virgem  
A defender meu pudor.

Miguel o pai de Isaura,  
Não podendo libertá-la  
Com o dinheiro que tinha  
Juntado para comprá-la  
Resolveu fugir com ela  
Pra do Senhor ausentá-la.

E foi nessa ocasião  
Que Isaura estava orando  
Que seu pai lhe apareceu  
Ela ao vê-lo entrando  
Lançou-se aos braços dele  
Em lágrimas se banhando.

Miguel perguntou-lhe: -Isaura,  
O que motiva teu pranto?  
Disse-lhe ela; -Não vê  
Um tronco naquele canto?  
Meu senhor vai pôr-me nele,  
Eis porque eu choro tanto.

Meu pai, dê-me sua faca  
Prefiro antes a morte,  
Disse Miguel: -Minha filha,  
Não será esta tua sorte;  
Vamos fugir num vapor,  
Que segue amanhã p'ra o norte.

Então Isaura e Miguel  
Da fazenda se ausentaram,  
Fugindo numa canoa  
Quando no Rio chegaram  
Embarcaram num vapor  
E no Recife saltaram.

Miguel chegando ao Recife  
Uma casinha alugou  
No bairro de Santo Antônio,  
Onde morando ficou,  
O proprietário da casa  
Por Isaura se apaixonou.

É Álvaro de Oliveira,  
Da casa proprietário,  
É órfão de pai e mãe;  
De sua idade o sumário  
São vinte e três primaveras  
E é três vezes milionário!

Ele era um moço elegante  
E de fina educação  
Ao sentir que Isaura  
Roubara-lhe o coração  
Se dirigiu a Miguel  
E pediu-lhe a sua mão.

Isaura não disse a Álvaro  
Que era escrava fugida,  
Mas disse que alguma coisa  
Havia na sua vida  
Que a obrigava a viver  
Sempre muí entristecida.

Álvaro tinha por Isaura  
Uma paixão verdadeira;  
Amava-a com tanto afeto  
Como se ama a vez primeira:  
Pois nunca vira outra jovem  
Como ela tão feiticeira.

Leônicio ao ter certeza  
De que Isaura fugira,  
Quase morre estuporado  
Com um ataque de ira  
As pesquisas foram inúteis  
Porque ninguém não a vira.

Mandou Leônicio botar  
Logo anuncios nos jornais  
Que circulavam no Rio  
E nas outras capitais  
Denunciando de Isaura,  
Dando dela os sinais.

-Acompanha-se de um velho  
Que fugiu daqui com ela;  
Chama-se Isaura e é jovem  
Morena cor de canela,  
Dou cinco contos de réis  
A quem der notícias dela.

Uma noite em que Isaura  
Num grande baile dançava  
Martinho um aventureiro  
Que há muito a procurava  
Descobriu ser ela a mesma  
Escrava que ele buscava.



Martinho logo mandou  
A Leôncio avisar,  
Dizendo: - Encontrei Isaura  
Pode mandá-la buscar  
E trazer-me os cinco contos  
Que eu consegui ganhar.

Então o mesmo paquete  
Que essa carta levou,  
Foi condutor de Leôncio  
Que p'ra o Recife embarcou,  
Chegando ele ao chefe  
De Polícia procurou.

Deu o chefe de Polícia  
A Leôncio ordem expressiva  
De prender, fosse onde fosse  
Que se encontrasse a cativa;  
E ofereceu-lhe soldados  
P'ra uma deligência ativa.

Quando em casa de Miguel  
Leôncio se apresentou  
Álvaro que ali se achava  
Com ele se encontrou,  
E uma forte discussão  
Entre eles dois se travou.

Disse Leôncio: Aqui venho  
Ver uma escrava fugida  
Que o senhor acoitou-a,  
E tem aqui escondida,  
Disse ele: - É minha noiva  
E por ela dou a vida!

-Ter uma Isaura cativa  
É uma barbaridade!  
Diga Senhor, quanto quer  
Pela sua liberdade,  
Peça a soma que quiser  
Que dou de boa vontade.

Disse Leôncio: Não a vendo  
Nem mesmo por um milhão!  
E disse para os soldados  
(Nessa mesma ocasião)  
Levem Isaura e Miguel  
P'ra casa de detenção.

Álvaro ouvindo essa ordem  
Não pode a ela se opor,  
Ele não tinha razão  
E Leôncio era senhor  
E contava com a polícia  
E com despótico valor.

Isaura banhada em lágrimas  
De Álvaro se despediu...  
E acompanhada das praças  
Para a cadeia seguiu,  
E a bordo no outro dia  
Para o Rio partiu.

Álvaro quase endoideceu  
Quando Isaura o deixou,  
Vendeu o que possuía,  
Seus negócios liquidou,  
Pôs o dinheiro no banco  
E para o Rio embarcou.

Chegando ele em Niterói  
Em um hotel se hospedou,  
Aí com um negociante  
Fácil se relacionou,  
Se conhecia Leôncio  
Álvaro a ele perguntou.

Leôncio! Conheço muito  
E sei que está liquidado.  
Em mais de quinhentos contos  
Ele está debitado;  
Aqui em toda esta praça  
Seu crédito está findado.

-A mim deve ele cem contos  
E eu julgo isto perdido  
Porque a fazenda de Campos  
É seu único possuído  
Tudo não paga a metade  
Inda sendo bem vendido.

A fazenda e os escravos,  
Já está tudo hipotecado  
E o tempo já completou  
Tem de ser executado,  
Creio que nesses três dias  
Tudo será liquidado.

Álvaro ao negociante  
Se atreveu a dizer  
Se ele não tem com que pague  
Que há de o senhor fazer?  
-Dar-se-á pela metade  
P'ra tudo não se perder.

Álvaro disse: - A Leôncio  
Eu tenho muita amizade,  
E pagar as suas dívidas  
Venho de boa vontade  
No caso que os senhores  
Recebam pela metade.

Álvaro, então pagou tudo  
Quanto Leôncio devia;  
Recebeu os documentos  
Que a lei lhe concedia;  
E ficou sendo senhor  
Do que Leôncio possuía.

Álvaro seguiu para Campos  
Estando documentado,  
Pelo tabelião público  
O papel foi assinado.  
Dum Oficial de Justiça  
Ele foi acompanhado.

Agora ouça o Leitor  
O que Leôncio tem feito  
Depois que prendeu Isaura  
Não ficando satisfeito.  
Botou ela em um tronco  
P'ra castigá-la a seu jeito.

Pensou Leôncio em obrigar  
A escrava Isaura casar-se  
Com o negro seu escravo,  
O que ela mais odiasse,  
Julgava èle que assim  
Ela ainda o amasse.

Belchior chamava-se o noivo  
Que Leôncio arranjou  
Para casar com Isaura;  
Ele tudo preparou...  
Queria casá-la a força  
Mas seu plano lhe falhou.

No mesmo dia em que  
Leôncio tinha marcado  
P'ra fazer o casamento,  
Já o padre havia chegado  
Quando Álvaro chegou a Campos  
E tudo foi transformado.

Já estavam os noivos na sala,  
Estava pronto o altar,  
Isaura banhada em lágrimas  
Só se vingava em chorar!...  
Foi nesse instante que Álvaro  
Chegando veio a salvar.

Quando Álvaro chegou na porta  
Isaura o reconheceu;  
Então lançou-se em seus braços  
Ele chorando a acolheu,  
Ela murmurou: - sou tua!  
Disse-lhe ele: - sou teu!

O Oficial de Justiça  
Leu a Leôncio o mandado  
Deu execução a seus bens  
Leôncio ouviu e pasmado,  
Depois quase em desespero  
Bradou: - Estou derrotado!

Que é isto, senhor Álvaro?!  
 Disse-lhe o moço: -Paguei  
 O que o senhor devia,  
 E de acordo com a Lei  
 Executo seus bens  
 E dos quais me apossarei.

Leôncio sem responder-lhe  
 Nessa mesma ocasião  
 Entrou para uma alcova  
 Com um revólver na mão  
 E dois momentos depois  
 Se ouviu uma detonação.

O Padre entrou na alcova  
 Onde ouvira-se o estampido.  
 Encontrou sôbre um sofá  
 Leôncio muito ferido  
 Nos estertores da morte  
 Soltando o último gemido!...

Ao noivo Belchior,  
 Álvaro mandou ir embora  
 E disse então a Isaura  
 -Querida tu és livre agora  
 E de tudo que aqui vês  
 És tu a única Senhora.

Na tarde do mesmo dia  
 Álvaro com Isaura casou  
 E na fazenda de Campos  
 Sua morada fixou...  
 E viveram como dois anjos  
 A quem Deus abençoou

Finalmente foi Senhora  
 Isaura que era escrava  
 Mudou-se a noite em aurora.

**FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA:** nasceu na Vila do Teixeira, Paraíba, a 5 maio de 1882. Poeta popular e folclorista. A partir de 1902 começou a escrever e publicar os seus folhetos. Casou-se em 1909 com sua prima Hugolina Nunes Batista, filha do famoso cantador Ugolino Nunes da Costa (1832 - 1895). Residiu em Guarabira e depois na capital paraibana - João Pessoa onde se estabeleceu com a Livraria "Popular", que existiu até 1932. Faleceu em 26 de janeiro de 1930

### OBRAS DE RODRIGUES DE CARVALHO

Serrote Preto - Lampião e seus sequazes 2.ª edição  
Cr\$ 100,00 - 488 Pgs.

Lampião e a Sociologia do Cangaço - 1.ª edição  
Cr\$ 100,00 - 400 Pgs.

Paris Pela Rama - 1.ª edição - Cr\$ 40,00 - 200 Pgs.

Os Marítimos - 1.ª edição - Cr\$ 40,00 - 212 Pgs.

### PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

**LIVRARIA FREITAS BASTOS:** Rua Sete de Setembro, 127/129 ou  
Rua Álvaro Alvim, 33/37 - Gr. 610 - Rio de Janeiro

451  
clube

## EDIÇÕES "GED"

- 001 - A Escrava Isaura 32 Pgs. - Chagas Baptista
- 002 - A Escrava Nordestina 32 Pgs. - Cícero Vieira (Mocó)
- 003 - ABC do Dr. Sayão 8 Pgs. - Paulo Nunes Batista
- 004 - Discussão de Mocó com Azulão 8 Pgs.  
Cícero Vieira (Mocó)
- 005 - O Divorcio 8 Pgs. - Apolonio Alves dos Santos
- 006 - A Morte de Lampião ou a Vingança de Corisco 32 Pgs.  
Apolonio Alves dos Santos
- 007 - A Mãe que matou a Filha com água fervendo e  
virou Serpente 8 Pgs. - Expedito F. Silva
- 008 - O encontro de Manoel Tiroteio com Sabino Peixerada  
8 Pgs. - Expedito F. Silva
- 009 - O Farrapo do Destino 32 Pgs. - Elias de Carvalho
- 010 - O Diário do Crioulo Doido 8 Pgs. - Franklin Maxado
- 011 - O Casamento da Raposa com o Cão, ou o Dia de  
Chuva com Sol 16 Pgs. - Franklin Maxado
- 012 - Horóscopo das Bichas 8 Pgs. Franklin Maxado
- 013 - Como cantou Zé Limeira 8 Pgs. - João Lopes Freire

## OUTRAS EDIÇÕES

- 2001 - O Cabeludo que passou o Carnaval no Inferno  
8 Pgs. - Expedito F. Silva
- 2002 - A História de Carlos Magno e os Doze Pares de  
França 42 Pgs. - João Lopes Freire
- 2003 - O Menor Abandonado 16 Pgs. - João Lopes Freire